

ONDE TERMINA A PERFORMANCE: ARTE DRAMATÚRGICA E PANDÊMI(CAOS)

Sócrates Roberto Fusinato – istmorumeiro (PPGT-UDESC)¹

RESUMO

O presente estudo versa sobre a relação entre o verbo terminar e arte da cena intitulada performance. sendo fazer-se em processo, a performance não termina, não recebe ponto final resoluto que assinala sua extinção, porque sempre se cria-resistindo, poemas. sem conseguir se livrar absolutamente do teatro, sem conseguir negar sua teatralidade, a performance é arte cênica de co-existência, de conjugação, e nunca deixará de existir; assim como o ser humano que ainda reluta por ser-humanidade na terra. esqueça o pós-humano, o pós-moderno, o pós-dramático, o pós-humanismo. o término da performance será sempre poema, será sempre termina, ter o que minar como arte dramaturgical, ainda que perdure um pandêmi(caos).

PALAVRAS-CHAVE: Ser humano; poema; arte dramaturgical; performance; teatro.

ABSTRACT

This research study deals with the relation between the verb to terminate and the art of the scene entitled performance. being done itself in process, the performance does not terminate, it does not receive a resolute end point that marks its extinction, because it's always a itself create-resisting; poems. without being able to get rid of theater at all, without being able to deny its theatricality, performance is a scenic art of co-existence, of conjugation, and it will never cease to exist; as well as the human being who is still reluctant to be-humanity on earth. forget the posthuman, the postmodern, the postdramatic, the posthumanism. the terminate of the performance will always be a poem, it will always be to have mine, to have something to undermine as dramaturgical art, even if a pandemi(chaos) persists.

KEYWORDS: human being; poem; dramaturgical art; performance; theater.

¹ poeta-dramaturgo, performer, professor de teatro, filosofia e antropologia, doutorando em teatro em Programa de Pós-graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, sob orientação do professor doutor Milton de Andrade Leal Junior. e-mail: rumeiro@gmail.com

pandêmi(caos)
pandêmi(caos)
guardem vela pros dia de escuridão, bradava um monge
em guerra e em humanidade contestada
guerra, luta pela vida, é sempre contestação
guardem vela pros dia de escuridão
e vem uma ventania
e vem uma pandemia
e vem uma pandemia
e veio uma pandemia
e veio passando pra terminar
esse pandêmi(caos)
pandêmi(caos)
pandêmi(caos)

acionem suas telas de cristal líquido
respirar é verbo feminino
a respiração
minha vindo ao mundo
gratidão

arte dramaturgica é respiro; é o lugar onde termina a performance

per – por meio de – for (em english)

per quem?
per quê?
per qual?
per cent'agem de desdém
percentagem por alguém
como prática
per arte?
per estética?
per ética?

comunidades formam-se-per.....

per?formance

comunidades

formam-se-per.....formance.....formam-se

comunidades.....for.....man...ce....per.

performancecomunidade....común....idade....

comum.....i-dá-dê....

per?formance

comunidades formam-se-por.....

ainda somos mankind

mankind

humanity

humanidade

homens

males

meils

meio-les

human

humano

many

ties

humanidades

possível performance mankind

terminar pode ser acabar definitivamente, tornar sem efeito algo.

não existe mais, acabou a vez, acabou de vez (a performance? de vez qual acabou?)

todo fim que é ponto final resoluto, absoluto, é um cansaço sem fim. um infinito cansaço pós-moderno, pós-dramático, pós-humanismo. Pós-humano?

(performance pós-humana? como assim?)

ser pós é não ter coragem de criar um nome para o tempo que já é passado, mas que ainda atravessa o presente. se estou na pós-modernidade estou em uma crise que o presente não consegue nomear porque ainda habita o passado moderno, o modernismo e suas promessas não realizadas.

o término da performance seria o surgimento de um espaço-tempo pós-performance?

todo fim é também finalidade. além de fim que encerra definitivamente, é também finalidade. com que fim você performa? qual a finalidade da performance?

**todo término
é também
ter ainda o que minar
– ter minar –
campos minados
terminar
demarcar os termos
fazer algo chegar a seu termo
chegar a seu nome**

término é verbal; é, portanto, conjugação; conjugación; conjugation;

o término termina? ou fica igual a todos os pós? **o término tem mina; o término mina; é mina de tudo que há; é explosão pelos ares de tudo que há; é verbo ainda no infinitivo, é minar.**

minamos a performance ou a colocamos em um supra espaço quando pensamos no teatro?

a performance é aquilo que supera limites padronizados. sendo ainda espaço pra pensar e criar em diferentes áreas artísticas, é acontecimento e risco. o performer, o poeta *istmorumeiro*, que aqui é voz-performance, cria e resiste, constrói e desconstrói signos, sentidos, realidades e linguagens por intermédio da obra de arte que a performance, sempre processo que se mostra sendo feito, produz.

a performance, afirmo aqui, além de qualquer periodização histórica, é um espaço de teatro. um teatro que acontece performance e que permite que corpos em cena e espaços de cena sejam singularizados. em uma performance, o performer e o *espectador*, corpos em cena, não desempenhem papéis estabelecidos pela tradição cultural da modernidade.

não se trata mais de atores e espectadores com seus papéis, mas sim de inauguração de novos meios de percepção, novos meios de convívio em arte. performance, une a um só tempo, arte e ciência. performance como espaço-tempo de experiências em que a comunidade *cria-em-resistência, cria-em-contestação*; resistência, contestação ao que está posto como padrão já dado.

performance-contestada

guerra-despadronizada

mina de ter, como singularidade

mina de ser per, por

meu conceito de performance é relação com poema. diz respeito a ser poeta, além de ser; sendo poeta aquele que poema, e sendo poema aquilo que ação (ação como escrita de um acontecimento, um agora com corpo, com som, com verbo, com objeto, com consciência, em movimento, em relação com, co-existência (**ainda chamo de humanidade**) sempre presente.

performance é sempre processo em nome próprio, nunca representação (jamais fala-se em nome de um personagem ou em nome de outro que não seja aquele que fala), sempre criação de outro espaço (daí sua teatralidade), sempre questionamento do que é padronizável (faz-se espaço onde toda e qualquer arte cabe, onde toda e qualquer ciência cabe, para criar sempre, em processo, um presente espaço-temporal para a humanidade).

o término da performance (e porque não do teatro?) é um criar para si e não para formatar o mundo; não é um criar deixando-se em absoluta solidão; **é um criar para si e não segundo gosto do todo, e não para o outro apenas, criar para si, mesmo, mas criar com, co-existindo, um poema.**

performance é fazer-se poema.

poema-corpo criado para si, mas sempre em relação com o mundo, com os outros, com o saber-poder, com o poder-saber, com aquilo, seja lá o que for, mas que sempre se afirma, que é a vida.

a vida, mesmo desorganizada, se afirma poema.

a performance termina? não falarei da etimologia da palavra performance porque aí ela termina, sem muitas divagações poéticas; termina e pronto em um terreno que é o pasto ocidental. pura ruminância.

falar de performance é mais uma vez falar de teatro. em espaço-tempo de performance o teatro assinala sua vitória em cena. o teatro, tendo há muito tempo não ficado só nos palcos e mostrado o seu fazer, faz da performance território desterritorializado que não cria um mundo radicalmente novo, com nova fronteira capaz de isolar tudo aquilo que caracteriza o teatro. a performance termina como teatro que se nomeia também performance; isto no período histórico de agora, no século XXI.

**performance é mais um nome histórico,
dentre outros,
atribuído ao teatro ocidental
nome que não termina de vez,
como ponto final,
com o espaço-tempo teatral.**

muitos nomes historicamente se esgotam. a vida, o teatro, a performance dão seus modos sem se esgotarem.

importa aqui, em meus estudos futuros, criar um conceito ainda pouco abordado, o conceito de cena. para além dos gregos, para além do ocidente, para além das artes da cena que se institucionalizam, como é o caso do teatro, da dança e da performance enquanto instituições culturais.

**a performance é poema;
a performance é ação em seu próprio fazer-se;
poema**

a performance é poema. a performance se constitui arte dramática. onde termina a performance? posso agora chegar a um possível termo e dizer que termina em um processo de arte dramática, um fazer poema. arte cênica que é, a performance termina em um poema, a performance termina poema, fazendo-se seu fazer. a performance se tem mina é um poema. a performance é mina de poemas para se ter.

**EU SOU UMA METRALHADORA EM ESTADO DE POEMA,
PODERIA A PERFORMANCE GRITAR APOEMANDO.
O TEATRO, O SER HUMANO TAMBÉM ASSIM APOEMAM.**

per form ance (anciã por formar)

per for man ce (ser humano é atravessar por)

per formance (por um formam-se)

e o ser humano, assim ainda nomeado por todos aqueles que participam de uma fresta que seja do pensamento ocidental, tem fim? neste pandêmi(caos) em que habitamos, um pandemiceno eu diria, um epidemiceno, eu diria já. aí o término é quase ausência de poema, de arte dramática, de arte cênica, de performance, de teatro, de comunidade. epidemiceno é vida gritando por mais poema, gritando para ter mina, e para não terminar minada.

**para um ter minar infindo
sempre verbo-poema
uma conjugação**

vida é verbo
coração é ser humano
teatro é performance-ação

nem fim nem nada que seja pós, após. sempre presente, sempre presença até que um esquecimento....até um desaparecer para ser desencavado. assim a palavra enterrada e esquecida.

per formam-ce palavras.

assim como se performa o que desaparece e é procurado sem êxito, assim como se performa a criação que não carrega quimeras em suas costas pra trazer o novo.

este poema-manifesto, apesar de não citar diretamente, habita três obras para tecer verbo, para conjugar suas afirmações. três obras-amigas então:

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O homem sem conteúdo**. Trad. Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 28 de novembro de 1947 – como criar para si um corpo sem órgãos. Trad. Aurélio Guerra Neto. In: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** (vol. 3). Rio de Janeiro: 34, 1996, p. 9-29.

FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. **Sala preta**. v. 8, 2008, p. 235-246.